

Histórias de bugres e tigres: corpo e natureza em terras catarinenses no século XIX

Ana Márcia Silva,
Célia Guimarães Perini**,
Márcia de Souza Pedrosa Agostini***

Resumo: Este estudo busca fazer um esboço do contexto interétnico que se estabeleceu no século XIX em Santa Catarina, especialmente na sua região nordeste, um espaço-tempo marcado pela chegada de imigrantes de diferentes etnias, sobretudo alemães que logo imprimem sua marca. Analisa-se a ginástica como um dos elementos de constituição da identidade teuto-brasileira, pautando-se no disciplinamento e dominação de sua natureza interna, e o confronto, em meio à floresta atlântica, com representações de corpo e de natureza muito diferentes por parte dos povos indígenas.

Palavras-chave: Corpo, natureza, estudos interétnicos.

Abstract: This study aims to produce an outline of the inter-ethnic context which was established in the 19th Century in Santa Catarina, especially in its northeast sector, a space-time factor marked by the arrival of immigrants of many different ethnicities, mainly the German who swiftly left their mark. Gymnastic is analyzed as one of the elements constituting the Teutonic-Brazilian identity, expanding as a form of discipline and domination of its internal nature and the confrontation in the midst of the Atlantic rainforest, with the representation of body and nature which the indigenous population had and which was quiet different.

Key-words: Body, nature, inter-ethnics studies.

* Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em Ciências Humanas – Sociedade/Meio Ambiente e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Corpo Educação e Sociedade – NEPECES/UFSC.

** Professora da Universidade de Joinville e Mestre em Educação Física pela UFSC.

Então vocês realmente querem partir sobre o grande oceano?: para um intróito à história...

A pergunta de Anna à prima Liesbeth, ambas personagens de um conto escrito por uma imigrante alemã¹ no século dezenove, nos leva a pensar nesses momentos de grandes decisões individuais que marcam o desenrolar coletivo da história da humanidade. “É preciso muita coragem”, continua Anna após sua pergunta; mas sua prima, decidida, afirma: “É preciso ainda muito mais coragem para continuar lutando aqui” e pergunta, talvez mais para suas xícaras, que está a empacotar: “...Será que o Brasil todo precisa ainda ser uma selva?”

Não vai longe o contexto em que, no “velho mundo”, era esta a representação das terras brasileiras e parcelas de sua população decidiram construir aqui a sua vida, em meio a um pródigo mundo natural, constituindo um encontro de povos, num momento fundamental para a configuração da chamada nação brasileira.

Talvez, neste contexto, possamos encontrar alguns elementos que nos ajudem a compreender a forma de relação com a natureza que se estabeleceu no País, tão exploratória e quase insustentável – mais ainda do que no continente europeu, de onde provém boa parte dos imigrantes. Este fato torna-se mais intrigante, já que neste confronto étnico encontramos os povos indígenas com formas diversas de compreensão e representação do mundo.

Queremos refletir acerca dos vários elementos reunidos no cenário de nossa história e de que modo criaram aquilo que Hobsbawn (2000, p. 13) chama de “dinamismo histórico”, ou por que, inversamente, esses elementos não conseguiram provocar um outro tipo de dinamismo que não este cujos desdobramentos presenciamos na atualidade. Pensar o mundo a partir do tecido da história pode ajudar-nos a compreender as perspectivas daquilo que foi e as possibilidades daquilo que poderia ter sido.

Alguns desses elementos do passado podem nos auxiliar, também, na compreensão do presente, em que vemos a ascensão de um certo trato com o corpo, como identificado por Silva (2001a), e que em muito se aproxima daquela concepção de práticas corporais estruturadas na Europa do século XIX, tendo na ginástica uma expressão do desejo de disciplinar e controlar o corpo, tão poderoso quanto sedutor.

Neste sentido, consideramos que o século dezenove em terras do nordeste catarinense é exemplar para esta análise, ainda que seja periférico, justamente porque é nele que encontramos dados freqüentes de caça aos índios e animais mais selvagens, “bugres” e “tigres”, como denominados pelos imigrantes que chegaram

1. Gertrud Gross Hering é uma imigrante que chega em terras catarinenses na década de oitenta do século XIX, escritora com inúmeras obras, como várias de suas conterrâneas que para cá vieram, numa surpreendente produção literária feminina para o período, o que contrastava com suas contemporâneas catarinenses que aparentavam pouco interesse por este campo de atividade. (HERING, 2000, p. 46-47).

a estas terras². Estes dados tornam-se mais evidentes por volta da metade daquele século, quando da chegada dos imigrantes europeus mais do norte, proibidos, pelo menos oficialmente, de possuírem escravos, fato que os levava pessoalmente a enfrentarem os desafios do “desbravamento” da natureza.

Tomamos a imigração alemã como o fio condutor de nossa história por nos chamar a atenção o fato de que, em meio a sua organização coletiva para a abertura da mata e para as “caçadas”, os imigrantes faziam, também, para a prática sistemática da ginástica. A importância que atribuíam à ginástica confrontava-se com o preconceito que os luso-brasileiros apresentavam para com as práticas corporais e, nesse contexto, ela tornou-se um importante elemento na constituição da identidade étnica teuto-brasileira. A disposição dos indivíduos em dar vida e sustentar esta prática, em meio a um conjunto de desafios, nos lembra Bourdieu (1998, p. 83), ao indicar que se instaura “uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história”. Por esta via, podemos refletir em que medida os europeus, alemães em especial, trazem em sua “bagagem” (MEYER, 2000) uma nova racionalidade e uma nova relação com o corpo que virá a nos habitar e nos constituir brasileiros, porém, não sem tensão, sem resistência, sem a contestação e a transformação que nascem da cultura e do diálogo das muitas etnias que povoaram este país.

*“Vencendo a natureza áspera para transplantar o bacilo vigoroso da sua civilização e de sua raça”³:
o cenário e os atores de nossa história*

Em terras catarinenses, onde a Serra do Mar aproxima-se do oceano, rios, florestas, mangues, ilhas, lagoa e baía se encontram, constituindo um cenário ímpar, local de destino para algumas centenas de imigrantes alemães. Sobrevivência para a maioria, aventura, fuga política ou amorosa para outros, naquele momento as circunstâncias uniam pessoas que estavam dispostas a entregar suas vidas aos desígnios dos ventos, do tempo, da tecnologia existente, de Deus. Enfim, estavam como se diz, “todos no mesmo barco”, em busca do espaço que lhes era negado em sua terra, em função das dificuldades pelas quais sua Alemanha passava.

2. Entre os grandes temores dos imigrantes estavam as onças e outros gatos do mato, denominados em alguns textos de época de *tigres* – como na frase que aparece no título do artigo – que existiam em grande número na região, naquele período. Da mesma forma, os índios eram chamados de *bugres*, denominação criada pelos portugueses, carregada de preconceitos, tendo sido assimilada rapidamente pelos imigrantes teutos (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p.37).
3. Relato de Pamphilo D’Assunção, um dos mestres paulistas responsáveis pela construção da estrada D. Francisca na serra do mar em 1880, acerca dos imigrantes alemães, para os responsáveis pela contratação de trabalhadores (<http://www.milenio.com.br/rodolfohey/Genealogia/imigracao.htm>).

O destino estava na barca Colón, Colombo em espanhol. Já em sua primeira viagem, sugere a saga corajosa do pioneirismo. Assim como o “descobridor” das Américas, três séculos e meio depois, os passageiros que inauguraram a Colón chegariam igualmente em uma terra americana, como pioneiros germânicos da Colônia Dona Francisca. Böbel (2001) menciona que a Colón, assim como todos os barcos que se dirigiam à Colônia Dona Francisca, era movida a vela, embora os navios a vapor estivessem em pleno uso nas viagens que conduziam imigrantes para os Estados Unidos. A mesma zona de calmarias ao norte do Equador, que teria retido a frota de Cabral, igualmente interrompeu, por três semanas, o curso desta barca em pleno Atlântico. “A travessia marítima da Europa para o Brasil, quando todos se achavam misturados no navio anonimamente, despertava no imigrante a sensação de isolamento” (RENAUX, 1997, p. 318), um isolamento a ser vencido, entre outras dificuldades que estavam por vir. O espectro da morte rondava os passageiros, misturando-se à beleza e à vastidão de céu e mar. Em meio à festejada promessa de futuro, a Colón abrigava, igualmente, lamentáveis finais. Sete pessoas morreram a bordo. Para estes, o mar acabou ocupando o lugar da terra no novo mundo.

Trazendo em sua “bagagem” histórias de vida, os imigrantes desembarcaram nas proximidades da Ilha da Paz, quase na entrada norte da baía da Babitonga, seguindo até a Ilha do Mel, na mesma baía. Era cinco de março de 1851 quando aquela gente esperançosa e assustada deu início à sua aventura no Brasil, atravessando a lagoa do Saguçu nas canoas de um influente coronel luso-brasileiro de São Francisco, cujos escravos africanos carregavam sua bagagem, até que esses imigrantes teutos pudessem pisar o solo da planejada Colônia. A construção encontrada pelos alemães, que serviu de abrigo emergencial, é um casebre construído pelos imigrantes franceses, oriundos de uma comunidade anarquista que havia sido organizada nas proximidades. Naquele momento, na margem direita do rio Cachoeira, a saga desses pioneiros deu à luz uma cidade de nome francês – Joinville⁴ – e colonização germânica, em solo brasileiro.

Na grande ilha está a cidade conhecida como Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, quarta localidade brasileira em termos de antiguidade, remontando aos primeiros anos após a chegada de Cabral. Em meados do século XIX, já se constituía como a terceira maior do Estado em população, comércio e indústria, principalmente em função do seu porto com condições de ancorar grandes embarcações. Sua população já era de cerca de oito mil habitantes, luso-brasileiros em sua maioria, mas também franceses, sendo quase um quarto desse total constituído por escravos, africanos e seus descendentes.

Observamos, também, que, nas imediações dessa nova colônia alemã e um pouco mais ao norte, existia uma colonização francesa situada na península do

4. Joinville era a sede administrativa da colônia que compreendia também os atuais municípios de São Bento do Sul, Schroeder, Corupá, Garuva, Araquari, Guarimirim, Jaraguá do Sul e Barra Velha.

Saí, iniciada na década anterior e que sonhara com a construção do que seria a primeira comunidade anarquista no mundo fora da França – o Falanstério do Saí⁵. Apesar de esta comunidade ter tido apenas dois anos de existência oficial, Chacon (1981) afirma que é provável que suas idéias de reforma social tenham-se difundido e influenciado não só na Proclamação da República, como também na libertação dos escravos. Essas idéias, valores e forma de organização comunitária, que acompanharam as centenas de socialistas franceses em sua empreitada pela costa sul do País, estavam presentes quando chegaram os alemães para fundar a colônia D. Francisca.

Ao sul da baía da Babitonga e próximo ao canal do Linguado, hoje Araquari, vamos encontrar os índios carijós⁶, de linhagem tupi-guarani, com suas inúmeras técnicas que foram apropriadas, sobretudo pelos portugueses, tal como a cestaria empregada para a pesca e a fabricação da cerâmica. A expressão desta cultura indígena, não só na produção cerâmica, mas também nos adereços e no grafismo corporal, permanece através de registros de alguns aspectos desta etnia quase dizimada quando da fundação da Colônia D. Francisca. Até o início do século XVIII, temos notícias de expedições de caça aos índios em Santa Catarina, organizadas por políticos e coronéis catarinenses e por bandeirantes portugueses, para o trabalho escravo na agricultura paulista de cana-de-açúcar, tal como Venâncio (1997) identificou na escravidão dos carijós para a extração do ouro em terras mineiras. Além de terem sido escravizados, esses “gentios da terra” foram vitimados pelas várias epidemias que acompanharam a chegada dos brancos a este litoral.

Mais a oeste, nas encostas da serra do mar, viviam os xokleng⁷, integrantes do grupo lingüístico jê, assim como os kaingang; é preciso lembrar o que nos ensina

5. Com apoio do imperador e de empresários brasileiros que apostavam no chamado caráter progressista e modernizador do socialismo de Fourier, em janeiro de 1842 desembarcaram os primeiros franceses que ali se estabeleceriam. Esses imigrantes tiveram que se confrontar com um ambiente difícil em meio à floresta atlântica, como os outros europeus o descobririam na década seguinte, e com pouco apoio imperial; condições ainda mais difíceis para esses imigrantes provenientes da vida urbana francesa, operários e artistas em sua maioria, que não tinham preparo para os desafios com os quais se defrontaram. Algum tempo depois, divergências internas na colônia levaram a um desmembramento do grupo, originando a Colônia do Palmital, em outra região próxima.
6. “Carijó” era como os bandeirantes chamavam os índios de língua guarani que viviam no litoral catarinense nos séculos XVI e XVII. O termo “Carijó” provém de “Cari-yó”, uma palavra derivada de “Cari”, que significa “branco” em Tupi, em alusão à pele mais esbranquiçada dos índios guaranis do litoral catarinense.
7. Esta palavra significa “aranha” ou “taipa” e, segundo os próprios índios, foi inventada pelos brancos, talvez por engano. Este grupo era também chamado de Botocudos, em função do enfeite labial (*tembetá*) usado pelos homens adultos. Apesar dessas denominações, o grupo xokleng não tem uma auto-designação e, para isso, são utilizados termos como *ânhele*, que significa gente, ou *angoiká*, pessoa. Entretanto, o termo Xokleng foi incorporado pelo grupo no século XX em suas lutas políticas.



Caça aos índios na visão de Jean Baptiste Debret (1768-1848)

Santos (1973, p. 159), que há muito acompanha esta etnia: “não se pode pensar assim que as tribos tinham um território definido, nem muito menos que elas formassem um único grupo local”. Nesse momento da história, o processo de colonização europeu tinha empurrado os nômades xokleng, fazendo com que eles se embrenhassem mais para o interior das florestas, como forma de proteção para as caçadas e para a escravização.

Temos, assim, o cenário de nossa história: os alemães, ao chegarem em meados dos oitocentos a este litoral, encontraram por estas paragens os portugueses e africanos na ilha em frente; os franceses na outra margem da baía da Babitonga; os remanescentes carijós, mais ao sul e os xokleng, mais a oeste. O encontro dessas várias etnias e suas culturas ocorre em meio uma “natureza áspera”, tão carregada de belezas quanto de desafios.

Nesse momento, a imagem de natureza predominante no Brasil, de acordo com Araújo (2001, p. 152-153), é aquela anterior aos seres humanos e na qual se inscreve “o fenômeno da vida”, evocando uma “fecundidade divina na terra”; o destino do País estava na “perenidade dos ciclos da natureza”, seu motor primeiro, e não na força humana; imagem que, nas palavras desse mesmo autor, cederá antes do fim do século XIX, “a golpes do espírito positivo”. A compreensão de natureza, aqui expressa, talvez possa ser estendida ao âmbito do corpo, dado que as práticas corporais presentes naquele momento histórico estavam muito mais próximas do universo dos rituais vinculados à religiosidade e ao prazer, do que do desenvolvimento racional e sistemático das forças orgânicas e morais, tal como veremos se constituir na ginástica alemã, bem como em outras que chegarão ao País posteriormente.

“Para o elevado espírito de luta e o fortalecimento dos filhos desta terra...”⁸: a ginástica e a construção de uma identidade étnica

Para que esses objetivos de força e moral pudessem ser alcançados, jovens e meninos dos vários cantos da Colônia eram reunidos no centro da Colônia D. Francisca. Pelo menos às terças e quintas-feiras, eles vinham para a prática da ginástica, mesmo “nas noites frias de inverno, quando o vento gélido assoprava mais fortemente por entre a cobertura de palha do rancho, o instrutor se fazia ouvir: ‘turma, em forma; três voltas pela Colônia, em passo acelerado, marche-marche!’ ” (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p.38).

Era preciso que as sessões de ginástica para meninos fossem à noite, para não atrapalhar os trabalhos na roça, onde auxiliavam os pais; mais tarde, haveria também a escola para freqüentar, toda ela construída pelo esforço coletivo e na qual os elementos da cultura teuto-brasileira seriam constituídos e cultivados: a língua, os costumes, as festividades⁹, o canto, a ginástica e a religião evangélica. A sociedade ginástica era um dos pólos de convergência da vida na colônia (WIESER, 1995), foco de encontro de diferentes gerações, onde a memória e a disciplina se exercitavam.

Desde sua chegada ao Brasil, a ginástica tornou-se um elemento cultural importante para esses colonizadores, que haviam deixado a Alemanha em meio a uma campanha nacional por sua prática sistemática, às voltas com a unificação de seus estados e recuperando-se dos desafios da empreitada bonapartista. Essa campanha tomava como base os ensinamentos de Johann Ludwig Jahn, um dos precursores da ginástica naquele país e que havia sido um líder nacional nas primeiras décadas do século, a partir da divulgação de seu *Turnen*¹⁰. Porém, naquele momento em que os imigrantes se organizaram para vir para o Brasil, a concepção de exercitação corporal de Jahn já havia sido profundamente alterada por um conterrâneo seu, Adolf Spiess, que propunha que cada aula de *Turnen* deveria ser uma “aula de ordem e disciplina” (TECHE, 2001, p. 112), princípios que seriam

8. Relato do início das atividades da Sociedade Alemã de Ginástica, em 1858 (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p.37).

9. Algumas destas festividades se mantêm até os dias atuais, outras foram criadas mais recentemente a partir da nova cultura que vai se constituindo, porém as festividades permanecem sendo um importante vetor de manutenção não só da identidade étnica, mas, sobretudo, da coesão social, segundo o que nos mostrou a pesquisa de Perini (2002), especialmente nos bairros mais distantes do centro da cidade.

10. A proposta original de Jahn constituía-se de atividades básicas de movimentação, como caminhar, correr, saltar, lançar e sustentar-se, considerados exercícios livres. Além desses, as atividades acrobáticas previstas em seu método visavam à melhoria do condicionamento físico e exigiam muita força e disciplina, especialmente no uso das barras paralelas e barras fixas, no cavalo, podendo-se, para isso, utilizar também escadas, cordas para subir e balançar, exercícios de luta e jogos, estes últimos muito valorizados. Para conhecer mais sobre o *Turnen* de Jahn, ver Teche (1996).

exigidos no serviço militar que aguardava a todos os jovens e meninos,- preocupações inexistentes para o criador do método –, mas que influenciaram, sobretudo, a forma de sua prática nas colônias desta nova terra.

É interessante pensar a prática da ginástica num contexto em que o trabalho desses pioneiros teutos era intenso, de sol a sol, inclusive para as mulheres¹¹ e crianças. Era “uma luta titânica pela própria subsistência nesta nova pátria”, como diziam os descendentes dos pioneiros. O contexto desses imigrantes era muito diferente daquele, urbano, que dá origem à ginástica no continente europeu, com os dramas do trabalho industrial e da política nacional e internacional. O sentido para sua prática nesta nova terra é outro e está carregado de ambigüidades, inclusive porque a ginástica é colocada como a “única forma de recreação existente, e não podia ser desprezada, ainda mais por tratar-se de uma recreação de verdadeira utilidade”, como relatam esses mesmos descendentes (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p. 40-41).



Desfile dos ginastas pela rua principal de Joinville
(data aproximada: início do séc. XX, acervo da Sociedade Ginástica de Joinville)

O discurso que sustenta esta prática corporal, principalmente aquele voltado para os meninos, fundamenta-se na idéia de que a exercitação pode constituir, por

11. Silva (2001) indica que as imigrantes teuto-brasileiras trabalhavam tanto nos afazeres da casa, como ao lado dos homens nos afazeres fora do ambiente doméstico, especialmente as mulheres da área rural, além da responsabilidade pela educação dos filhos. Praticamente não mencionadas na historiografia, as mulheres, com seu trabalho nos vários espaços da vida familiar, foram vitais para o empreendimento da colonização e para os avanços na concretização de seus direitos; um deles é o de acesso às práticas corporais neste país, neste caso, com a constituição de uma secção feminina na Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville, o que, porém, só foi se concretizar nas primeiras décadas do século XX.

si mesma, e para qualquer etnia, a postura de um povo forte, disciplinado e com o pensamento voltado para amar e respeitar os seus costumes e sua pátria. O fortalecimento do corpo é uma faceta importante neste processo que se encontrou em franca expansão na Europa burguesa, na organização de uma economia gestual, como Vigarello (1978, p. 09) nos apresenta: “o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos atribuídos a sua conduta, ele é o emblema aonde a cultura vem inscrever os seus signos tanto quanto seus brasões”. Aqui como lá, ontem como hoje, as práticas corporais e os cuidados com o corpo estão profundamente enraizados na cultura, fazendo do corpo um elemento único para compreender a própria civilização que o constitui.

A ginástica foi uma expressão do processo de constituição de uma identidade étnica, marcada, também, pelo contraste que cria com as demais culturas e etnias. A pátria mãe estava distante, mas os laços de sangue e os costumes mantinham essa ligação. Talvez por isso e em meio à produção de sua subsistência, poucos anos depois da sua chegada, esses imigrantes já haviam construído a Sociedade Alemã de Ginástica, uma das primeiras da América Latina¹², dentre outras evidências da cultura alemã que se foram fixando com o passar do tempo. Existiam várias agremiações, como a de canto, a assistencial, a de atiradores, além da loja maçônica; estas se constituem em elementos para compreender a força da colonização alemã¹³. Sua vinculação com o país de origem era tal que se constituía uma “supressão do espaço”, conforme identificou Salomon (2002), como se as pessoas ainda partilhassem o mesmo cotidiano; isso era evidente, sobretudo, nas correspondências trocadas com a pátria mãe. Mais ainda: a constituição de uma unidade, em sua forma de organização, tornava-se mais um desses signos que marcam sua cultura nos lugares por onde se instalaram. Essa unidade se expressa externamente, ao cultivar as mesmas associações e ao reforçar o uso de uma mesma língua e mesmos costumes, especialmente nos locais em que cultivavam a religião deixada por Lutero e que os tornava o povo escolhido¹⁴. É possível compreender que essa unidade, ao mesmo tempo em que é sua expressão, reforça uma identificação

12. Com data oficial de fundação em 16 de novembro de 1858, a Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville (*Deutscher Turnverein zu Joinville*), em funcionamento até os dias de hoje, é considerada a primeira neste continente, fato que merece ser melhor investigado, como tem feito Teche (1996, 2001), no Rio Grande do Sul.

13. A grande força dessas sociedades teutas em Joinville ampliava o contraste étnico, a partir da atribuição de um certo *status* social aos seus participantes; observe-se que os luso-brasileiros logo constituíram suas sociedades e agremiações, sendo seguidos, após a abolição da escravatura, pelos afro-brasileiros. Em cada uma dessas sociedades não era permitido o ingresso de pessoas de outras etnias, numa evidente disputa social, como Agostini (2002) identificou.

14. Jungblut (1994) nos alerta para o fato de que os luteranos alemães acreditavam que sua religiosidade estava vinculada à sua própria etnia – por ter sido eleita por Lutero, como o solo e a língua para seus ensinamentos –, e não era extensiva às demais.

com o coletivo e um orgulho patriótico que marcam esta etnia e que podem ter desdobramentos inusitados, como é o caso do movimento de adesão ao nazismo no sul do País. (GERTZ, 1991).



Desfile pelas ruas de Joinville com as bandeiras da Sociedade, incluindo a da suástica nazista (data aproximada: década de trinta, acervo da Sociedade Ginástica de Joinville)

Compreendemos que o desenvolvimento da ginástica se inscreve num processo mais abrangente de construção do germanismo fora da Alemanha, uma única cultura constituída entre os alemães de diferentes regiões e peculiaridades, que vivem, lá como aqui, um processo de necessária unificação. A colonização talvez pudesse reunir, aqui, os diferentes estados alemães que se encontravam divididos no “velho continente”. A língua constituía-se num dos elementos fundamentais para a construção dessa unidade, já que nas escolas, como em outros espaços públicos, todos falavam “o mais perfeito alemão padrão”, independentemente dos imigrantes terem vindo da Suíça, Saxônia, Pomerânia, Prússia ou de qualquer outro dos estados alemães, como relata um jornal de época (MEYER, 2000, p. 45). A empreitada era de continuar alemão, ainda que em solo brasileiro; conhecer a língua portuguesa com a qual se escreviam as leis e o comércio que conduzi- am sua vida no País, porém só depois de conhecer e dominar sua língua materna, e – ainda mais importante –, manter o “sangue alemão” que é, como nos ensina Seyferth (1999) acerca desta tradição, o elemento que garante o pertencimento ao “povo alemão”, diferentemente da tradição brasileira, que se estrutura a partir do nascimento em solo brasileiro.

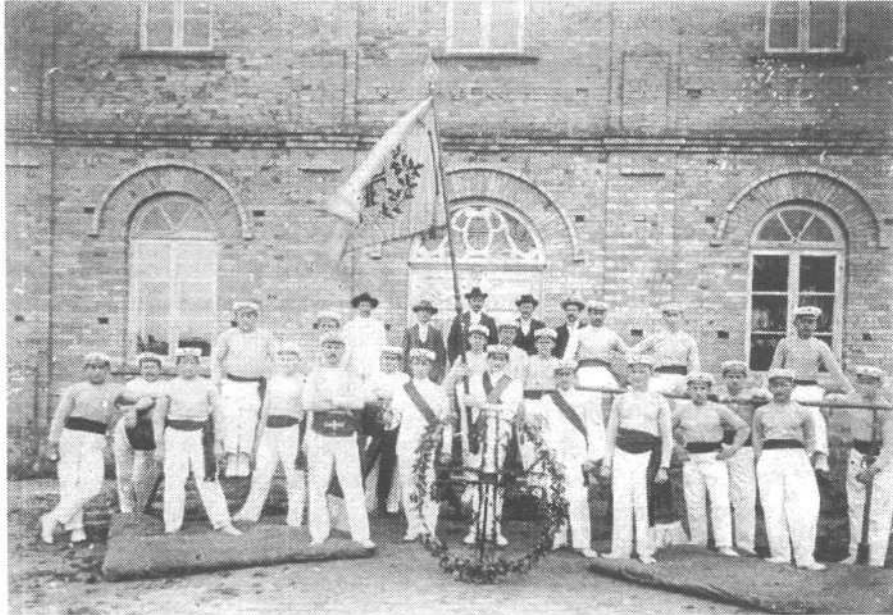
Os elementos de constituição dessa identidade étnica são detalhadamente analisados por Meyer (2000), especialmente tomando jornais teuto-brasileiros como locutores privilegiados deste processo, os quais apontam a necessidade de “fazer esquecer o não comum” e incentivar a religião evangélica e as “qualidades compartilhadas em língua, costumes” – objetivos que devem ser perseguidos pelas sociedades ginásticas, como pelas outras associações, como diz um exemplar do *Deutsche Post*. A autora, ao analisar esta passagem dentre outras, afirma que “ela enfatiza não só a dimensão de ‘construção’ daquilo que passou a ser apresentado como ‘legado’ ou herança cultural, mas nomeia também, de forma hierarquizada, instituições e práticas sociais que, nesse contexto e nesse momento histórico, se organizaram e se articularam em torno dessa construção” (MEYER, 2000, p. 52).

A ginástica, como uma das práticas sociais eleitas para a construção dessa identidade teuto-brasileira, expande-se rapidamente pelo sul do País, tanto com sua prática no interior do sistema escolar organizado pelos alemães, como na fundação de sociedades ginásticas.

Na Colônia D. Francisca, o número de sócios da sociedade ginástica aumentou rapidamente e, passados dez anos de sua fundação, já havia mais de três centenas, todos teuto-brasileiros. A seção dos meninos (*knabenriege*) estava entre suas principais preocupações. Esta seção se desenvolveu com muita “disciplina”, obtendo reconhecimento ao longo dos anos e uma menção especial num jornal teuto-brasileiro, por ocasião dos festejos do cinquentenário de fundação da sociedade, indicando que “a *knabenriege* está sendo instruída no sentido exato do Mestre Jahn visando à formação e educação de homens fortes e disciplinados, ao serviço da Pátria” (HERKENHOFF, 1983, p. 3). Essa afirmação demonstra, pelo menos do ponto de vista de um jornal, que as idéias de disciplina, não necessariamente vinculadas às proposições de Jahn, e sim às de Spiess, estavam presentes no andamento das atividades.

Destacamos a disciplina como uma das características privilegiadas na organização das atividades, especialmente com as crianças e os jovens. Parece-nos que a ginástica se inscreve num projeto de secularização da vida, que mantém alguma relação com a ciência nascente e seus pressupostos, porém seus nexos mais visíveis são com a estruturação de uma conduta ascética que se pauta, entre outras coisas, por disciplina, rigidez e obediência às normas instituídas, num processo crescente de dominação da natureza interna pelo indivíduo, tanto em si como nos demais.

Racionalizar as atividades, excluindo de suas características o desfrute, a espontaneidade e a criatividade, parece indicar essa ginástica como uma prática corporal adequada para a constituição da identidade étnica muito próxima do protestantismo. Nos escritos de Martin Lutero (MEYER, 2000, p. 117), por ocasião da reforma protestante, aparece a indicação explícita de que os jogos, as corridas, a luta, assim como a dança, são “perda de tempo”, diferentemente do trabalho e das aprendizagens escolares.



Um dos grupos de ginastas em frente à Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville
(data aproximada: início séc. XX, acervo da Sociedade Ginástica de Joinville)

A ginástica, para ser admitida no espírito germânico, deveria ter utilidade e ser praticada com muita ordem e disciplina¹⁵, afastando-se do espírito lúdico que predomina em outras práticas corporais. Tais elementos coadunavam-se com os ares positivistas que serão reforçados no futuro e que têm na bandeira brasileira um marco da ligação com o processo de constituição do “espírito do capitalismo”. Esta expressão de Weber, uma das marcas de sua obra, pode nos ajudar a compreender a vinculação da prática da ginástica com a “atribuição de um significado religioso ao trabalho secular diário” (WEBER, 1999, p. 53). Neste sentido, profissão (*beruf*) está vinculada ao conceito de vocação, com conotação religiosa e feita como uma tarefa ordenada, tornando-se um dogma central para o protestantismo. A única maneira aceitável de viver para Deus não estava na ascese monástica,

15. Os relatos dos descendentes teuto-brasileiros parecem confirmar a influência do pensamento luterano, identificando a ginástica como a recreação de “verdadeira utilidade”, como nos referimos anteriormente. Além disso, os depoimentos apontam que, na ginástica daquele período, “a disciplina e a ordem eram mantidas com todo rigor. Hoje em dia, a liberalidade e os nossos atuais meios de instrução, educação e formação não poderiam conformar-se com tamanha rigidez” (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p. 41). Apenas no início do século XX é que identificamos a prática de esportes no interior da Sociedade Alemã de Ginástica, o que indica que os tempos são outros, ali como nas escolas e no âmbito de toda organização social e política brasileira.

mas sim no cumprimento das tarefas seculares impostas ao indivíduo por sua posição no mundo. Tal concepção alastrou-se rapidamente por entre os alemães luteranos, impelindo-os a tentar organizar metodicamente os vários campos da vida, racionalizando cada atividade e primando pela obediência às autoridades seculares, características que também se fizeram presentes no âmbito da ginástica, naqueles tempos de colonização. A tarefa de “modelar” pessoas, pautando-se na força e na expropriação da “ludicidade”, deixa entrever uma relação ambígua com o corpo, que acompanhou uma parcela significativa desta etnia.

O reconhecimento da ginástica como um importante fator de identidade já havia sido feito por Teche (2001, p. 108), agregando a idéia de que “os participantes do *Turnen* se viam muito como confraria consciente de sua missão, quase que num sentido religioso” e é nessa direção que se pode compreender, segundo ele, a formação das sociedades no sul do Brasil. Tal como a língua alemã padrão, a ginástica mostrou-se fator de “emergência da identidade teuto-brasileira”, como nos diz Seyferth (1986), ao mesmo tempo em que os membros dessa comunidade reivindicavam a cidadania brasileira.

O sentido que a ginástica teve para os teuto-brasileiros pode ter contribuído, especialmente a partir de sua eleição como método oficial de Educação Física nas escolas brasileiras, para “desenvolver nas elites o gosto pelo trabalho físico, diferenciado do trabalho físico produtivo”, como destacou Soares (2001, p. 82).. Tal fato auxiliou a superação de um certo preconceito – relacionado às práticas corporais – reinante, sobretudo, entre os luso-brasileiros. Entre os nexos para a compreensão desse processo parece estar a racionalização de suas atividades, mais propriamente adaptáveis aos preceitos científicos desenvolvidos pelos médicos higienistas, associada à imagem da propalada civilidade dos imigrantes teutos. Essas características poderiam combater a chamada “indolência” do povo mestiço, sendo a ginástica alemã sucedida nesse objetivo por outros métodos mais próximos da ciência positiva que se encontravam em ascensão. É na segunda metade dos oitocentos que encontramos o projeto de “eugeniação da população brasileira”, como a autora citada observou em suas pesquisas (SOARES, 2001, p. 73 e seg.) que se confirmam nos dados deste cenário pesquisado. Houve uma política oficial não só para trazer os imigrantes alemães, tal como acontecia com os italianos, em grande escala para o Brasil, mas também de incentivar a miscigenação, que contribuiria para o “branqueamento” da população, como identificou Schwarcz (1993), num afastamento proposital desses povos da terra, mais “naturalmente” selvagens.

A abnegação dos teuto-brasileiros ao trabalho, entre outras de suas características, fez com que eles se tornassem o ideal de imigrante, imagem perfeita de formadores do corpo social e individual brasileiro. Em Araújo (1988) encontramos a idéia de que o português do litoral catarinense, pertencente a uma elite que se dedicava à atividade comercial e burocrática, pensava no imigrante alemão como o homem ideal para o projeto de modernização daquelas terras, especialmente por

suas características de civilidade e por sua capacidade de trabalho e ambição. Para isto, a intenção do governo seria a de “misturá-los como fermento ao inferior povo brasileiro”, nas palavras de um pastor alemão em visita ao Brasil (MEYER, 2000, p. 125).

Frente a este projeto de constituição da “nação brasileira”, encontram-se algumas ambigüidades por parte dos teuto-brasileiros: ao mesmo tempo em que se sentiam orgulhosos frente à avaliação de sua raça como superior, mostram receio de que sua germanidade fosse colocada em risco, já que havia uma defesa intransigente, entre os luteranos em especial, de conservação do “sangue puro” pelo casamento apenas entre alemães. Vai-se acompanhando, paralelamente a isto, um processo que Seyferth (1993) chama de “caboclicização” dos imigrantes, que se constitui a partir de sua assimilação de hábitos, linguagem e costumes da terra, o que, porém, não evitou um confronto profundo e violento entre as diferentes etnias. Em todos os casos, sua contribuição foi efetiva para a superação de um certo preconceito que prevalecia entre os primeiros colonizadores brasileiros com relação às práticas corporais e cuidados com o corpo.

*“...E os indígenas que infestavam aqueles sítios,
foram fugindo de semelhantes vizinhos”¹⁶;
as relações com a natureza e os Outros.*

Aos sábados, o encontro no rancho da Sociedade Alemã de Ginástica reunia os jovens e adultos, sendo que os primeiros sentavam-se em volta de uma grande mesa, “enquanto que os ‘novos’ (a juventude) acomodavam-se nos bancos de madeira situados ao longo das paredes, e aguçavam os ouvidos para acompanharem todos os lances das interessantes histórias de bugres e tigres, e os contos das passagens da vida” (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p. 37).

Os encontros com os silvícolas foram muitos e ocorreram desde o início de sua chegada em terras catarinenses, como apresenta Arend (2001). Para aqueles alemães, porta-vozes da civilização¹⁷, os xokleng são “bugres” e, portanto, “selva-

16. Estas são palavras do Vigário da Vila de São José da Província de Santa Catarina, em 20 de maio de 1848, hoje município de São Pedro de Alcântara, segunda colônia alemã do Brasil (PAULI, 1997).

17. Esta perspectiva frente aos povos da terra não é exclusiva do europeu. Pike (2001, p. 46) afirma que, para os norte-americanos, até as primeiras décadas do século passado, “... os Estados Unidos geralmente estão relacionados à cultura, enquanto a América Latina liga-se à natureza. De um lado, simbolizando a cultura capitalista dos ianques – caracterizada por sua luta para subjugar a selvageria e a natureza –, temos o homem branco, quase sempre representado pela figura do Tio Sam. De outro lado, simbolizando a América Latina, temos as figuras de índios, negros, mulheres, crianças e até a população de pobres excluídos: grupos que, por hipótese, jamais puderam ostentar o ímpeto capitalista para controlar, dominar e superar a natureza”.

gens”. Aquele que chega à terra considera o nativo como o Outro, imagem reforçada pelos luso-brasileiros e franceses já assentados por aqui.

O território utilizado pelo grupamento xokleng daquela região era muito grande, dado seu nomadismo e seus costumes, e já eram conhecidos extrativistas daquelas terras do nordeste catarinense desde o início do século XIX, porém foram desconsiderados, no processo de incentivo à imigração, por parte do governo da província e pelas colônias privadas, como a de D. Francisca. Em seu modo de vida, adentrar as roças e moradias em busca de alimentos e objetos de serventia não se mostrava como distinto das demais formas de coletas que faziam, mas gerava pânico entre os alemães, como nos fala Santos (1973, p. 64). Armas de fogo e flechas logo são postas em ação.

Desde cedo, as estratégias utilizadas com os carijós e outros guaranis, envolvendo a catequização e o aldeamento mostraram-se sem sucesso com os xokleng. Logo são constituídos os grupos de “batedores do mato”, eufemismo utilizado pelos documentos oficiais para se referir às tropas de bugreiros que corriam a região na caça aos índios. Só conseguiam escapar da morte as mulheres jovens, utilizadas como esposas pelos tropeiros, e as crianças de colo¹⁸, a serem criadas pelas famílias caboclas ou brancas. O depoimento do bugreiro Ireneo Pinheiro (SANTOS, 1997, p. 27), ainda que datado de 1972, mostra um pouco desse trato com os índios. O domínio do Outro era completo e levava à aniquilação: “O corpo é que nem bananeira, corta macio. Cortavam-se as orelhas. Cada par tinha preço. Às vezes, para mostrar; a gente trazia algumas mulheres e crianças. Tinha que matar todos. Se não, algum sobrevivente fazia vingança. Quando foram acabando, o governo deixou de pagar a gente. A tropa já não tinha como manter as despesas. As companhias de colonização e os colonos pagavam menos”¹⁹.

As notícias dos confrontos são várias ao longo dos anos, porém os jornais da época e o registro histórico da cidade²⁰ apontam ataques mortais dos botocudos xokleng aos colonos, especialmente no período de 1870 a 1890, coincidindo com o início da ação das tropas dos bugreiros e da construção da estrada D. Francisca ligando a serra ao litoral.

18. “O número de crianças trazidas como troféus pelos bugreiros não foi pequeno. Sabe-se que em alguns casos autoridades estaduais e um ou outro humanista as adotaram. O mesmo aconteceu com casas de religiosos. Um bom número deve ter sido incorporado às fazendas do planalto para servirem de mão-de-obra. Sobre algumas dessas crianças ficaram registros e, às vezes, fotos. Em raríssimos casos, chegaram à idade adulta” (SANTOS, 1997, p. 29).

19. A ação dos bugreiros prolongou-se durante muito tempo e até a década de trinta ainda se tem dados sobre suas atividades, sem perder, porém, a violência de seus assaltos, como se pode acompanhar no depoimento do bugreiro Ireneo: “As tropas foram terminando. Ficaram só uns poucos homens, que iam em dois ou três pro mato, caçando e matando esses índios extraviados. Getúlio Vargas já era governo quando fiz uma batida. Usei winchester. Os índios tavam acampados num grotão. Gastei 24 tiros. Meu companheiro, não sei. Eu atirava bem”. (SANTOS, 1997, p. 27).

20. [disponível em: http://www.portalsbs.com.br/historia/joinville_cronologia.html].

As relações dos teuto-brasileiros com os demais elementos da natureza eram semelhantes, como deixa transparecer o depoimento do vigário de outra colônia alemã, mais próxima à capital: “Os sertões que lhe ficam ao sul e oeste têm sido descortinados pela foice dos lavradores laboriosos e constantes, deixando aparecer, entre florestas de preciosas madeiras de construção, terras próprias para liberalizar-nos todos os frutos de que abundam a Europa e a Ásia.” (PAULI, 1997). As terras e a mata precisavam ser transformadas para dar conta de produzir aquilo que se conhece e se deseja no velho mundo; recriar em terras selvagens o lar deixado, usando toda a sua energia para reconstituir o mundo tal como é conhecido. As pesquisas de Seyferth (1993) mostram que o teuto-brasileiro que tomasse a floresta como algo natural, normal, despertava preocupação entre seus patrícios, pois era compreendido como um sintoma de decadência e degeneração.

Essa naturalidade na relação com a natureza e os Outros ocorria entre os imigrantes, demonstrando que não se tratava de uma atitude monolítica e sem contradições internas, como é o caso de dois relatos encontrados²¹. A estranheza com que estes “causos” são recebidos naquele momento e mesmo no registro dos descendentes demonstra que atitudes como estas não eram habituais entre os imigrantes; freqüente é o dado da dominação de todas as figuras “naturalizadas”, animais ou humanas.

Outras figuras de alteridade corporal eram tomadas por inimigas ou, na melhor das hipóteses, eram consideradas exóticas²². O que se desejava não era uma natureza desconhecida e por isso temerária, seja do silvícola ou do negro, seja da onça ou da floresta. Desejava-se descortinar o plano do cultivado, do conhecido, traço marcante de um povo que se torna porta-voz de uma civilização material e que se interpõe ao “obscurantismo” da natureza deste continente.

21. Um dos relatos é o de um descendente do imigrante teuto Josef Hille, morador de Joinville, que se recusava a matar um veado no quintal de sua casa, apesar de ter uma espingarda na mão, numa atitude que lhe dará fama de protetor dos animais. [Horst Dieter Hardt, disponível em: <http://www.mluther.org.br/Imigracao/joseph%20hille.htm>, acesso em 12/12/2002]. O outro relato conta a relação de D. Carola, moradora da estrada em direção ao planalto serrano e seu amigo, o bugre secreto, através da troca de presentes e cordialidades, até este ser assassinado por seu sobrinho, que mostrara, orgulhoso, à triste senhora, a carabina com a qual havia liquidado o menino xokleng (MACHADO, 2001, p. 11-12). Gostaríamos de chamar a atenção, nesta fotografia da família Hille, para uma das técnicas corporais freqüentemente encontradas nos relatos e fotografias dos colonizadores teuto-brasileiros (MEYER, 2000, p. 46), que consistia em ensinar a criança a ficar com as mãos cerradas e postas a frente do corpo, numa evidência da modelação corporal em curso, tanto mais enraizada quanto maior fosse a idade da pessoa em questão.

22. Em 1877 presenciou-se o primeiro dos grandes espetáculos do exotismo da “natureza humana”: A Exposição Etnológica realizada no jardim da Aclimação em Paris, que atraiu um milhão de pessoas para ver os “povos puramente animais”. Como nos diz Bancel (2002, p. 17) “o exotismo estava em voga”, o espetáculo funda-se na “ideologia da desigualdade racial”. Os negros, os indígenas, os Outros, “permitem fixar o estatuto da alteridade, da diferença, do outro em toda sua diversidade, hierarquizando-a”.



Foto do imigrante alemão Josef Hille (1862-1937), com sua esposa e filhos (data aproximada: início séc. XX, acervo da família Hille)

Acerca dos negros²³, encontramos na historiografia do local alguns relatos de convívio amistoso nos quais eles são considerados “quase da família”, porém, outros tantos apontam para as formas bárbaras de tratamento dos escravos, quase às vésperas da abolição: “Nas fazendas comettem-se attentados medonhos, protegidos pela sombra do mysterio”, como se encontra na escrita original de um jornal da época, pesquisado por Silva (2001, p. 58). Na cidade, a sutil separação com os “lusos-descendentes” completava-se com os “pretos e mulatos”, fato ainda mais agravado pela condição de vida destes, porque “em Joinville era uma classe de gente muito pobre”, como declara Schneider em seu depoimento (SILVA, 2001, p. 57). Acerca dessa questão, Meyer (2000, p.145) aponta, em suas pesquisas, a crítica dos teuto-brasileiros a certos alemães de nascimento que teriam abandonado alguns princípios do germanismo. Esse “tipo” de alemão, segundo os teuto-brasileiros, logo acabaria por relacionar-se com os negros, talvez, até tratando-os

23. Os negros, tais como outros grupos étnicos, são figuras praticamente inexistentes na historiografia catarinense, pelo menos até a década de oitenta, como nos mostra Wolff (1994), especialmente, acerca de sua contribuição para a construção deste Estado, assim como de todo país. As relações interétnicas que trava, vistas a partir da esfera corporal, constituem-se numa interessante temática para outros estudos.

como iguais. Essas observações, ainda que esparsas, mostram a “radicalidade” de suas posições, especialmente entre os luteranos, pautando a construção de sua identidade étnica pelo contraste com outras etnias, hierarquizando-as, a partir de seu afastamento e domínio da natureza.

Uma compreensão possível desses indicadores que fomos recolhendo no cenário analisado é aquela em que a representação das figuras de alteridade corporal se mostrava como similar às aquelas representações de outros seres e elementos da natureza. Um antigo morador do vale do Itajaí, região próxima ao nordeste catarinense, de nome Cipriano, expressa a compreensão de natureza dos colonizadores como seu pai: “aqui não havia nada, não morava ninguém, só tinha mato, onça e bugre” (MACHADO, 2001, p. 13).



Retrato do cacique xokleng “Camrém” feito pelo pintor alemão F. Becker
(Foto de V. Dirksen, 1997)

Para os índios da linhagem jê, como os xokleng, no entanto, ocorre não só a consideração pela existência dos elementos da natureza como também uma continuidade, não indiferença, entre eles, os animais, os minerais, as árvores, os mortos..., e ainda: todo humano é considerado um parente, com seu pertencimento à família, ainda que isto não garanta que todos os seres humanos sejam pessoas. Souza (2001, p. 70) nos aponta que: “...aquilo que faz a identidade dos membros do grupo como (mais ou menos) “humanos”, é a mesma coisa que faz de todos

eles, (mais ou menos) “parentes”. Mas não é a mesma coisa que faz deles “pessoas...”; os estrangeiros podem não ser considerados pessoas e, talvez, sequer humanos. Tais indicações, presentes especialmente na linguagem dos xokleng, mostram concepções de vida humana e organização social muito diferentes, considerando, ainda, que todos estes atributos – vivos, humanos e parentes – não são fixos e permitem gradações em sua atribuição.

Esta mesma autora nos diz que a cosmologia desses povos contém a expressão *karō*, princípio da vida que habita o corpo, mas que não se confunde com ele e que pode, momentaneamente, nos sonhos e doenças, abandoná-lo; esse princípio vital está presente em tudo que é animado, como os outros seres da natureza, os alimentos, e alguns objetos materiais, numa concepção que lembra àquela de *physis* presente no período helênico, como encontramos em Silva (2001b).

Estes elementos da cultura dos xokleng nos ajudam a compreender alguns costumes presentes em seu modo de vida e o contraste presente no confronto com os imigrantes teutos, estes, por sua vez, com sua lógica de organização social bastante diferenciada. Enquanto a derrubada da madeira de lei propiciou a construção das casas numa arquitetura típica que estes colonos vão constituir aqui, em terras brasileiras, os acampamentos dos xokleng são feitos em meio à mata, juntando-se em torno da matriarca, onde quer que ela pare para descansar, soltando seus apetrechos de cozinha, como Santos (1973, p. 33) nos esclarece. Os laços estabelecidos pelas relações de pertencimento, dos vivos, parentes, e deles na relação extrativista com toda natureza habitada pelo *karō*, nos dão elementos de sua impossibilidade de conceber a propriedade privada constituída pelos colonos.

A conexão com a morte mostra-se de forma peculiar para os xokleng, já que os seres da natureza podem ser morada dos mortos, estes que vieram antes e que construíram tudo que se tem; uma construção social que se mantém porque seus efeitos são sentidos no tempo presente (SOUZA, 2001, p. 84). A morte não é condição fácil de descanso ou repouso, porque, sem o corpo, a pessoa fica sujeita a todo tipo de transformações, o que gera uma outra relação com a morte, assim como com toda natureza, não sendo esta sequer concebida como algo em si, diferente da vida. A compreensão de morte para os guaranis caminha nesta mesma direção, pois para eles “um cadáver não é uma entidade completamente inerte”, a forma como o corpo é manipulado depois da morte exige cuidados especiais, pois tem conseqüências para os vivos e “mesmo espicaçado pode continuar atuando socialmente” (CATAFESTO DE SOUZA, 2001, p. 449).

Ainda no que diz respeito ao corpo, os estudos antropológicos mostram que a concepção dos índios do nordeste catarinense apresenta os mesmos fundamentos dos índios amazônicos e não se coloca como “sinônimo de fisiologia distintiva ou morfologia fixa”, como indicado por Viveiros de Castro (1996, p.128), mas sim do corpo como reunião de “afetos, afecções ou capacidades que singularizam cada espécie de corpo: o que ele come, como se move, como se comunica, onde vive, se

é gregário ou solitário”, o que implicaria dizer, junto com Souza (2001), que o corpo só se faz corpo sendo “corpo de parente”, com o parentesco se inscrevendo no corpo. Símbolos xokleng, como o tembetá, adereço posto no lábio dos meninos depois dos dois ou três anos de idade, e a tatuagem, feita na coxa da menina, marcam momentos de paternidade e maternidade cerimonial, e marcam a inscrição de “uns nos outros”, daqueles “que se amam”, e que têm, por isso, uma “condição compartilhada” (SOUZA, 2001, p. 89). A humanidade é, para os xokleng, não uma condição natural, mas resultado de uma condição social, portanto, de uma subjetividade que deve ser ativamente construída e que tem no corpo uma referência positiva fundamental.

A centralidade do corpo e das representações corporais para essas etnias indígenas, como para todas as sociedades jês, e a profunda vinculação do corpo individual com o corpo social (SEEGER; DA MATTA; VIVEIROS DE CASTRO, 1987) contrastavam com a centralidade da razão e com a configuração individualista que prevaleciam entre as etnias provenientes da moderna Europa, no momento de seu encontro neste cenário que apresentamos. Os elementos que constituíram este contraste geraram representações e práticas corporais de natureza muito diferentes entre estas etnias, assim como costumes muito diferentes diante daquilo que chamamos de natureza, ainda que não devamos “superficializar” as diferenças entre estas etnias envolvidas em nossa história.

Como nos alerta Latour (2001, p. 38), não podemos pensar que sua relação seja oposta à dos europeus modernos, que construíram uma categoria de natureza: “não vamos nos enganar: a relação não está no fato de nós, ocidentais, distinguirmos natureza e cultura, enquanto, se nós fôssemos bons selvagens, nós as misturaríamos. Nós fazemos a distinção quando eles a ignoram”; trata-se, então, de uma “ordem completamente diferente” de coisas que não devem ser contrapostas entre si.

A partir desses elementos que investigamos e do contraste que eles apontam, aqui neste texto apenas esboçados, não se trata de assumirmos um relativismo multiculturalista, não criticando as posições assumidas por estes grupos étnicos de nossa história, justificando-as a partir de suas formas de compreensão da vida. A postura de neutralidade frente à violência do processo civilizador no Brasil não nos parece correta, porque não se pode riscar a barbárie da memória coletiva, ou justificá-la sob um argumento de ordem étnica, paralisando-nos frente à diversidade da história e à profunda ambigüidade do comportamento humano.

Propomos a árdua tarefa da permanente reflexão crítica sobre a história humana. Propomos, com Latour (2001, p. 40), pensar como diferentes representações de corpo e natureza podem permitir “estabelecer ligações entre incomensuráveis” que constituem cada etnia. Compreender que tais configurações de mundo são incomparáveis, pode nos afastar de uma “matematização” “racionalizadora” da história e nos permitir rever elementos da origem desta forma de relação com a natureza e com aquilo que, no corpo, há de natureza em nós.

A partir do olhar da história e da etnicidade, podemos refletir sobre a profunda distinção que se estabelece entre os povos que constituíram este país e que o tornaram um lugar tão cheio das crueldades dos desbravamentos cotidianos, quanto dos encantos da miscigenação alegre; uma reflexão que nos permite pensar no passado, a partir de como este se desdobra em nós, no presente, e nos permite, também, perspectivar o futuro e reconstruí-lo a partir de outro “fio” do tecido histórico.

Referências bibliográficas

- AGOSTINI, Márcia de Souza Pedroso. *As raízes históricas da ginástica em Joinville*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- AREND, Silvia Maria Fávero. Relações interétnicas na província de Santa Catarina (1850-1890). In: BRANCHER, A.; AREND, S. M. F. *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república*. 1988. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX. *Projeto História*, São Paulo (23), p.151-67, nov. 2001.
- BANCEL, Nicolas. Zoológicos Humanos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 2002, Caderno Mais, p. 16-17.
- BÖBEL, Maria Theresa. *Joinville e os pioneiros: documentos e história (1851-1866)*. Joinville: UNIVILLE, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CATAFESTO DE SOUZA, José Otávio. O que é, afinal, o corpo índio no Brasil meridional? limites modernos ao entendimento da lógica hierárquica indígena sobre o corpo. In: LEAL, O.F. (org). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.
- HERING, Gertrud Gross. *Uma enteada da natureza*. Tradução, pesquisa, introdução, bibliografia e notas: PUFF, Lia Carmen. Florianópolis: Ed. UFSC, Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.
- HERKENHOFF, Elly. Sociedade ginástica de Joinville. Edição comemorativa aos 125 anos da sociedade ginástica de Joinville. *Jornal A Notícia*, 15 nov. 1983.
- HOBSBAWN, Eric. *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- JUNGBLUT, Airton. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.
- LATOURET, Bruno. A ecologia política sem a natureza?. *Projeto História*, São Paulo (23), p.31-44, nov. 2001.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: BRANCHER, A.; AREND, S.M.F. *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira- evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Sinodal, 2000.
- PAULI, Evaldo. Fontes da história catarinense: memória histórica sobre a colônia alemã de São Pedro de Alcântara. *Enciclopédia Simpozio* (Versão em português do original em Esperanto), 1997.
- PERINI, Célia Guimarães. *A cultura popular e as atividades rítmicas: um estudo de caso numa comunidade de raiz étnica germânica*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- PIKE, Fredrick. Natureza e cultura: América Latina, mitos e estereótipos nos Estados Unidos nas décadas de 20 e 30. *Projeto História*, São Paulo (23), p.45-73, nov 2001.
- RENAUX, Maria Luiza. As falsas europas: colônias alemãs no sul do império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- SALOMON, Marlon. *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos índios Xokleng*. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Os índios xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. UFSC, Itajaí: Ed da UNIVALI, 1997.
- SCHWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica. (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil). *Revista de Antropologia* XXIX, 1986, p. 57-71.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica. *Anuário antropológico*, n. 91, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Maná*, vol 5, n. 2, 1999, p. 61-88.
- SEEGER, Armando; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, J. (org.).

Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero/Ed. da UFRJ, 1987.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo ciência e mercado: reflexões acerca de um novo arquétipo da felicidade humana*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: Ed. UFSC, 2001a.

SILVA, Ana Márcia. A natureza da *physis* humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001b.

SILVA, Janine Gomes da. Saudades, expectativas, realizações e ausências: histórias de mulheres em Joinville (1851-1900). In: BRANCHER, A.; AREND, S.M.F. *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE. Documento comemorativo do centenário da sociedade ginástica de Joinville. Joinville: Gráfica Modelo, 1958.

SOUZA, Marcela Coelho de. Nós, os vivos: “construção da pessoa” e “construção do parentesco” entre alguns grupos jê. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 15, n. 46, junho 2001, p. 59-96.

TECHE, Leomar. *A prática do turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí: Ed. Unijuí (Dissertação de Mestrado, Coleção Trabalhos Acadêmicos-Científicos), 1996.

TECHE, Leomar. *O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1952-1940*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os últimos carijós: escravidão indígena em Minas Gerais 1711-1725. *Revista Brasileira de História*. v. 17, n. 34, 1997.

VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé: histoire d'un savoir pédagogique*. Paris: Éditions Universitaires, 1978.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, vol. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

WIESER, Lothar. *Boletim do arquivo histórico de Joinville*. Joinville: Fundação Cultural/ Arquivo histórico n. 13, ago./dez. 1995.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Ed. Terceiro Milênio. p.5-15, 1994.